

Tolstói em Fragmentos

Impressionado com a leitura de *Ana Kariênnina*, Monteiro Lobo comentou, em carta de 1909 a Godofredo Rangel, que Tolstói era “grande como a Rússia”, e que o romance era “livro de gênio como haverá pouquíssimos no mundo”. O sentimento de vastidão evocado pelo escritor brasileiro era a norma. Colossal, gigantesco, monumental, ressurreição de vozes épicas ou proféticas: a marca da leitura de Tolstói perpassou a cultura mundial a partir do fim do século XIX. Houve quem interpretasse a abundância como prolixidade, arte sem vértebra – um ponto de vista que aguardou a virada formalista e outras correlatas para ser desmontado. Mas a tônica foi ver no texto de Tolstói um (no mínimo) abalador de certezas literárias, ficcionais e éticas.

Embora tenha sido, durante sua vida, uma das figuras públicas mais conhecidas no Brasil e um eterno favorito de listas de “melhores romances de todos os tempos”, Tolstói sempre se ressentiu da carência de espaço acadêmico e de mais bibliografia especializada dedicada a ele. Enquanto Dostoiévski, o outro gigante da ficção russa na segunda metade do século XIX, com quem Tolstói é frequentemente comparado (nem sempre a propósito), tem gerado inúmeros artigos, livros e teses entre nós, sobre o autor de *Guerra e paz* pouca coisa há. Dostoiévski, com efeito, sempre pareceu mais ligado ao nervo da crítica literária brasileira, ao seu ritmo mais intenso e irrequieto. Em relação a Tolstói, em contrapartida, havia e há respeito excessivo do leitor e do crítico. O pequeno livro de Boris Schnaiderman, *Leão Tolstoi: antiarte e rebeldia* (uma das melhores introduções ao autor em qualquer idioma), figura quase solitário em sua bibliografia brasileira, e sem dúvida mereceria uma reedição. Para ler e estudar Tolstói, esse livro sugere, é necessário uma postura ousada, contundente, até agressiva.

Aproveitando a deixa dos cem anos de sua morte, a presente coleção de textos procura mitigar essa lacuna bibliográfica em português apresentando algumas pesquisas recentes produzidas no Brasil e no exterior.

O texto de abertura é justamente de Boris Schnaiderman, que expõe uma faceta pouco conhecida do escritor russo: a de tradutor. Também no plano literário, Aurora Bernardini discute determinados procedimentos artísticos, em diálogo próximo com as perspectivas formalistas. Em um campo mais propriamente histórico, o eslavista Georges Nivat faz, em seguida, considerações sobre o radicalismo tolstoiano e sua ligação com correntes da cultura russa e europeia. No mesmo ambiente político encontram-se os três artigos seguintes, de autoria de Rubens Figueiredo, Noé Silva e Sérgio Câmara, que discutem as complexas relações entre arte e pensamento existentes em duas obras de Tolstói (*Ressurreição* e *Senhor e servo*). O romance *Guerra e paz* é o protagonista dos estudos de Ezequiel Adamovsky e Irina Lukianets, a partir de uma ótica histórico-filosófica. Na série seguinte de estudos, aspectos da obra de Tolstói são comparados a textos de Nathalie Sarraute (Ani Kostanyan), ao pensamento hindu (Radha Balasubramanian), aos brasileiros João Antonio e Lima Barreto (Clara Ávila Ornellas) e a Dostoiévski, pelo prisma do sociólogo Norbert Elias (Jean Faustino). A mesma novela que está no centro das reflexões desse último artigo – *A morte de Ivan Ilitch* – é estudada por Paulo Bezerra. A coletânea é encerrada por uma tradução, de autoria de Belkiss Ribeiro, de um conto de Tolstói.

À bibliografia sobre Tolstói poderiam-se atribuir os mesmos epítetos de vastidão que ele suscita. Ao invés de nutrir pretensões de completude, optamos que seria mais útil para o leitor brasileiro uma bibliografia pequena, mas atualizada, somente com algumas obras importantes publicadas nos últimos anos.